

AURORA CEARENSE.

JORNAL ILLUSTRADO, LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

ANNO I.

A AURORA CEARENSE publica-se uma vez por semana com duas paginas de gravura e seis de texto, além de supplementos contendo estampas, sempre que for possível. Assigna-se na rua Amelia n. 120 á razão de 5U000 por semestre e 10U000 por anno. Para fóra da capital e da província as assignaturas serão reguladas á razão de 6U000 por semestre e 11U000 por anno. O pagamento é sempre adiantado. Número avulso —200 reis.

NUMERO 25.

DOMINGO 30 DE DEZEMBRO DE 1866.

CEARÁ.

PASTORAL.

**D. Luis Antonio dos Santos, por
mercê de Deus e da Santa Sé
Apostolica, Bispo do Ceará, do
Conselho de S. M. I. e C. etc. etc.**

A todos os Rvds. parochos, sacerdotes e habitantes
do bispado do Ceará paz.

A paz, caríssimos irmãos, é o mais estimável dom, que a bondade de Deus outorga aos homens na terra, assim como a guerra, segundo os livros santos, é a maior calamidade, que nos pode chegar, e o maior castigo que o mesmo Deus, em sua justiça, inflinge aos peccadores. Com este flagello todas as classes da sociedade soffrem, e todas as fontes da prosperidade nacional seccão. A laboura perdendo os braços, que a alimentavam, desfia; o commercio entrando em assustadora crise, não inspira confiança; os estabelecimentos de instrução e beneficencia não podendo com os ordinarios recursos, fazer face á extraordinarias despezas, fecham-se, e todo o paiz retrograda muitos annos, no caminho da civilisação e da prosperidade.

O nosso Brasil, este abençoado paiz sempre favorecido pela Providencia Divina, por muitos annos gozou da paz, e seus filhos, contentes e satisfeitos á sombra das bellas instituições, que os regem, prosperavam e caminhavam alegres na via de um bem entendido progresso.

Mas, caríssimos irmãos, o homem inimigo, segundo a esphera vangelica, semeou a sizania no pacífico paiz da Santa Cruz. Uma provocação acintosa, uma invasão armada desataram o brio e honra nacional, e forçaram ao nosso governo a repellir com as armas tão injusta e inqualificavel aggressão.

Está empenhada a honra da nossa patria, caríssimos irmãos e filhos amados, estão comprometidos o nosso bem estar, a nossa tranquilidade, os nossos interesses, o futuro da nossa patria e a nossa mesma consciencia de catholicos, que pela graça de Deus, somos.

Os livros santos parecem confundir o amor da religião com o amor da patria, ou identificam tanto estas duas cousas, que inculcam não se poder observar uma sem a observancia da outra, do que tem os moralistas feito um caso de consciencia equiparando em certo sentido e sob certos respeitos, o traidor á patria ao matricida.

E' neste sentido que vos dirigimos hoje a pala-

vra. E' para, na qualidade de vosso pastor e encarregado de vossas almas, fallar a vossa consciencia de catholicos, e dizer-vos: *Deus o quer*, meus filhos. Deus quer e manda sob pena de incorrermos em seu desagrado, que mesmo com o preço de nosso sangue e de nossa vida, coadjuvemos nossa mãe no empenho, em que ella se acha collocada. Deus quer e manda que vinguemos a sua honra offendida e a livremos dos insultos, que um visinho ingrato lhe dirige, assacando-lhe injustiças para se pôr á salvo da terrivel responsabilidade, que sobre elle pesa. Deus quer e manda que nós os brasileiros, cada um com os meios, de que dispõem, uns com seus braços, outros com sua fortuna, outros com sua penha e seus conselhos e outros com suas supplicas ao Deus dos exercitos nos apresentemos nos campos do Paraguay para salvar a patria a entoar unisonos o hymno da victoria e da civilisacão.

Mais um pouco, meus filhos, e a barbaridade cederá o campo á civilisacão, a injustiça á justiça. A nossa causa é justa, é santa e por isso contados na protecção divina, e na religiosidade e patriotismo dos brasileiros cantaremos victoria: porque a justiça eleva as nações, e o peccado faz os povos miseraveis. *Justicia elevat gentem, miseros autem facit populos peccatum.*

O pavilhão brasileiro ainda hasteado se conserva nos campos do Paraguay, rodeado da flor da nação; dessa mocidade que antepondo a gloria da nação e o dever do christão a um futuro risonho, que a aguardava, voou ao chamamento da mãe patria, e de lá vos diz: Irmãos, nós vos temos aplaudido o caminho, temos rompido as trincheiras, temos vadeado os rios, temos inutilizado os torpedos, vinde á nós e comnosco vinde partilhar da victoria, que se acha a dous passos de nós.

Filhos meus, qual será o coração brasileiro, que naturalmente é religioso e patriótico, que não accuda ao chamamento de Deus e da Patria? Pais de familia, fazei com que vossos filhos cumprindo um dever christão, vos enchaí de gloria e vos deem o titulo de benemerito da patria; e vinde vós mesmo oferecelos ao Imperador na pessoa de seu delegado. Mães de familias, vós, que tanto desejaes a elevação e felicidade de vossos filhos, achareis vós mais opportuna occasião para serem satisfeitos vossos justos desejos? Armai-os vós mesmas, e dizei-lhes: Deos manda, e a sua protecção será comvosco; parti em nome d'Elle e da Patria nossa mãe.

Mas vós bem sabeis, caríssimos irmãos, que se Deus não proteger a cidade, de balde trabalham aquelles que a defendem; e firmando nesse oráculo do Espírito Santo, devemos dirigir nossas supplicas ao Pai das misericordias e interessantemente pedir-lhe que defenda nossa causa.

Ordenamos pois aos Rvds. parochos e mais sacer-

dotes do bispado que recitem em todas as missas, depois das orações prescriptas pelas rubricas a colleta *pro tempore belli*, e aos clérigos de ordens sacras que depois de completas digam a commemoração da paz, que se acha no fim dos sufragios dos Santos, ainda nos dias, que segundo as rubricas tenham de a dizer, e aos mais fieis do nosso bispado mandamos que em commun em suas famílias, ou em particular recitem as ladinhas da SS. Virgem.

Esta será lida ao povo pelos Rvds. Parochos nas Matrizes e pelos Rvds. Capellães nas respectivas capellas.

Dada e passada na cidade da Fortaleza no dia da Imaculada Conceição, aos 8 de dezembro de 1866.

+ LUIZ, BISPO DO CEARA'.

CHRONICA JUDICIARIA.

Juizo de direito.

Vistos os autos, etc. Aggravados não serão os aggravantes pelo juiz a quo em ter mandado que —na proxima seguinte audiencia se louvassem as partes em arbitros para avaliarem o terreno questionado assim de tirar a competencia do juiz— segundo se vê a fl. 5 v. e fl. 6; porque este despacho está de acordo com o art. 35 do Reg. de 15 de março de 1842 n.º 143, que manda mui terminantemente —que as partes, que intentarem qualquer causa deverão declarar logo na 1ª petição o valor da causa demandada, ou seja a real, ou a de estimacão, o qual a parte contraria poderá contestar etc.— por conseguinte, na petição de fl. 2 os aggravantes devião ter declarado o valor do terreno sobre que pertendão questionar para regular a alçada do juiz a quo, e não sem ter dado esse valor, sem ter mostrado, que o valor do terreno questionado excede a alçada do juiz a quo, requerer que se lhe desse a nota do estylo, caso não se conciliem, os aggravantes por esse meio querem arrastar os aggravatedos a questionar no juizo contencioso, onde necessariamente a questão deverá naufragar, e ser annullada, por não se ter mostrado que ella é da competencia do dito juizo, visto o seu valor exceder a alçada do juiz de paz, onde isto se deve mostrar. E nem aproveita aos aggravantes o dizer que, attent o Reg. de 9 de abril de 1842 art. 3, o valor da causa deve ser dado quando se proponer a causa até no libello, porque, devendo ter ficado demonstrado no juizo de paz que o valor da causa excede ao da alçada deste juizo, este novo valor donde a causa tem por sim —1.º regular a dizima de chancellaria, que deve ser paga antes do julgamento final da causa no juizo municipal; em 2.º lugar regular a alçada tão bem deste juizo dentro do qual não ha recurso, art. 32 do Reg. de 15 de março de 1842. E nem se podia dizer, que pelo facto de mandar o juiz a quo que as partes se louvem em arbitros para avaliarem o terreno demandado, quer a fortiori ser o juiz da questão, pelo contrario mostra que quer ser, se lhe competir segundo o valor dado pelos arbitros nomeados pelas partes, e juramentados, os quais por isso são obrigados a dar o valor, que o objecto demandado realmente tiver, e não o que o juiz de paz quizer. E ainda no caso de discordancia nesse banco, o desempate terá de ser feito para um arbitro nomeado o mais possivel a aprazimento das partes, pelo que em nenhum caso o juiz a quo poderá influir na avaliação da causa. E finalmente o art. 7 da Dip. Prov. é claro, e o que do mesmo se comprehende, é que não cabendo a causa na alçada do juiz de paz no caso de não se conciliarem as partes, o escrivão neste caso fará uma simples declaração

no requerimento para constar no juizo contencioso, lançando-se no protocolo, visto que nenhuma demanda ou causa pode ahi mover-se sem conciliação previa art. 161 da Const., excepto nos casos que tractão os arts. 5 e 6 do mesma Disp. Prov., nos quais se poderá intentar a conciliação posteriormente. Nem tão bem aproveita aos aggravantes a citação de Pereira e Souza nota quarenta e tres, por quanto o que este jurisconsulto ahi diz é que o foro da situação da causa demandada é especial para as acções reaes, que se dirigem contra aqueles que comessam a possuir dentro de anno e dia, o que tão bem se pode dar no juizo de paz, se a causa demandada tiver um valor que caiba em sua algada. Por tanto e pelo mais que dos autos consta não dou provimento ao agravo, assim de que subsista, e seja cumprido o despacho de que se agravou; alem de que o caso não admittindo agravo porque com o ordenar o arbitramento o juiz aquo não se julgou ou não competente; elle é illegal.— Cidade da Fortaleza, 5 de dezembro de 1866.— Joaquim Jorge dos Santos.

Juizo municipal.

Vistos os autos etc. Pede o autor Francisco Antonio Cordeiro ao réo Francisco José de Oliveira Figueiredo o pagamento de seiscentos trinta e quatro mil trescentos noventa e seis réis; a saber: quatrocentos cinquenta e sete mil cento e vinte réis em dinheiro, e cento sessenta e sete mil duzentos setenta e seis réis em mercadorias, por ser o mesmo réo devedor d'esta somma em virtude do contrato constante da escriptura publica de f. 6.

O autor allega que, tendo fallecido na campanha do Paraguai seu filho Antonio Rodrigues Cordeiro sem deixar herdeiros legítimos, necessarios descendentes, elle, na qualidade de pai, sendo seu unico herdeiro, vendera pelo instrumento supracitado todas as dívidas activas e passivas, e quanto seu finado filho possuia n'esta cidade, por um conto duzentos vinte quatro mil cento e vinte réis.... (1:224U120); mas que do preço da venda apenas recebera em moeda 35U000, e em mercadorias... 554U724, ao todo 389U724, tendo ficado estas mesmas mercadorias por um preço superior ao corrente no mercado. Allega mais que o réo suscitando duvidas para pagar o restante do valor da venda, como fosse o desconto de despezas feitas por elle com a cobrança das dívidas, commissão etc., e não querendo elle autor annuir a estas exigencias, visto como na transacção realizada pela escriptura a f. 6 tinha sido grande o interesse para o réo; este que trazia animo de locupletar-se ainda mais do que tinha lucrado, negou-se a restituir a importancia ainda não paga, prevalecendo-se da clausula da escriptura, que declara ter sido recebido todo o preço da venda, e do modo seguinte;.... 497U200 em moeda, e 732U000 em fazendas.

O réo com effeito insiste nesta allegação, e sem produzir outra prova, que a escriptura de contrato, mostra-se, em vista della, não obrigado ao pedido do autor.

Do discutido nos autos vê-se que o autor fez realmente venda ao réo do que devia herdar de seu filho que na escriptura está declarado e confessado o recebimento de todo o preço da venda; por conseguinte, na presença desse documento o autor, nada tinha que cobrar do réo, e devia este ser absolvido da instância. Mas a apreciação desse documento, que aliás, insolado, provaria a solução da dívida do réo, perde todo o seu valor jurídico, quando se confronta com o depoimento testemunhal de f. 27 e com a propria argumentação do réo. E por certo, não sendo nulla a escriptura quanto a sua for-

ma ou substancia, é visto faltar-lhe parte do efeito para sua validade; isto é, não ter havido da parte do réo implemento de pagamento. E porque esteja em contrariedade a clausula do recebimento de todo preço da venda, expresso na escriptura com o testemunho e fé de pessoas qualificadas, que dispõem de f. 20 a f. 24, e ainda esta contrariedade se observe nos artigos de contestação e razões finaes do réo: julgo o mesmo obrigado a pagar o restante do preço da venda na forma do pedido a f. 2, assim em fazendas como em dinheiro, e isto por força do que dispõe a Ord. Liv. 3º tit. 60 §§ 5 e 7, e por não ter o réo coadjuvado sua assertão de paga inteira com alguma prova ontra, que desfizesse a contradicção resultante do depoimento das testemunhas, e a escriptura de f., testemunhas entre as quaes figura o proprio irmão do réo, Manoel José de Oliveira Figueiredo, que jura não ter o réo pago todo o preço da venda ao autor. E pague o mesmo réo as custas.—Fortaleza, 11 de dezembro de 1866.—Manoel da Cunha e Figueiredo.

Vistos os autos etc. Pede o autor Luiz Erman ao réo Francisco José da Silva Baima o pagamento da quantia de cem mil réis, importancia do documento a f. 5, dizendo que lhe prestara, e depois pedindo-lh'a, o réo se negara á entrega ou paga de dita quantia, allegando nada dever-lhe; e que, em vez de ser o autor credor delle réo, este o era seu; por isso que o recibo de f. 5 declara quantia recebida por conta. O autor ainda allega que a declaração de ser quantia recebida por conta, fôra um exerto feito no recibo de f. 5, ou antes um abuso da boa fé do mesmo autor, que sendo estrangeiro, ignorante da lingua nacional, não podia conhecer a força d'aquelle declaração; e finalmente provoca o réo a exhibir em juizo documento de divida maior, da qual, por conta, passará o réo aquele recibo.

O réo, contestando o pedido, allega que a importancia do recibo a f. 5, lhe fôra dado por conta da alforria de uma sua escrava; que esta tinha feito desse dinheiro deposito em mão do autor para lhe entregar; e insiste em ser elle credor e não devedor d'aquelle.

Do allegado por uma e outra parte o que se pôde considerar provado é que houve o emprestimo dos cem mil réis ao réo; porquanto si esta quantia fosse entregue por conta da alforria, ter-se-hia feito essa declaração, e igualmente a do prego inteiro da alforria; e quando não constasse de recibos, devia constar de qualquer documento outro, que não apresenta o réo, o qual, incerto na escolha dos meios de defesa, ora argumenta com a nullidade da accão, ora se apega á declaração do recebido por conta; fazendo-se maior credor sem explicar e sem provar a fonte dessa divida maior do autor, apesar de ser por elle provocado; e nesta dubiedade em que parece estar o mesmo réo, torna-se contradictorio. E portanto, attendendo a que o réo não fez prova para se desobrigar da quantia pedida, e excluir a intenção da autor: julgo este com direito a haver d'aquelle os cem mil réis que reza o recibo de f. 5, por considerar uma clausula abusiva da boa fé do autor o ter sido a referida quantia recebida por conta de maior débito do mesmo autor; e pois, condeno o réo a pagar a referida quantia, bem como as custas.—Fortaleza, 11 de dezembro de 1866.—Manoel da Cunha e Figueiredo.

Accão de despejo, que move Anna Gomes de Queiroz contra Francisco das Chagas.

Em vista da Ord. Liv. 3º Tit. 4º § 18, e tit. 14

princ., prosiga o feito, contando-se os trintas dias da dilação requerida a f. 9 para o despejo, e como consta dos autos. Si antes de ser accusada a citação do réo, e proposta a accão, este por si ou por seu procurador tivesse requerido langamento em juizo, a citação estaria circunducta; porém não tendo assim acontecido, inderito o requerimento do réo a f. 9, por não ser a circunducção acto que se dê sem ser á instancia da parte, que a deve requerer em tempo.—Fortaleza, 19 de dezembro de 1866.—Manoel da Cunha e Figueiredo.

Accão de manutenção entre partes Ignez Francisco de Casto e o tenente-coronel Antonio Barroso de Souza.

Sem embargo dos embargos, que não recebo por sua materia e autos, cumpra-se a sentença embargada, e pague a embargante as custas.—Fortaleza, 19 de dezembro de 1866.—Manoel da Cunha e Figueiredo.

Embargos à sentença na causa entre partes Francisco Jose de Oliveira Figueiredo e o coronel José Antonio Machado.

Os embargos opostos a f. 33 não recebo por sua materia, visto como a sentença embargada, que apreciou devidamente a prova dos autos, assim documental como testemunhal, não podia deixar correr a execução sobre bens que não eram de João Neponuceno da Costa, devedor do exequente embargante Francisco José de Oliveira Figueiredo, mas sim do 3º embargante, coronel José Antonio Machado. O documento de f. 12 mostra de modo incontestável que tudo quanto fôra penhorado, não pertencia ao executado, nem casa, nem cerca, nem bensfeitoria alguma de plantaçao; porquanto d'ellas só tinha direito o mesmo executado de tirar a sua subsistencia enquanto alli permanecesse como agregado, para vigiar que as terras do 3º embargante não fossem devastadas de suas mattas ou madeiras. Desprezo, portanto, os embargos como irrecebíveis; e, confirmindo a sentença embargada, condeno o exequente nas custas accrescidas.—Fortaleza, 11 de dezembro de 1866.—Manoel da Cunha e Figueiredo.

TRANSCRIÇÃO.

A eschola Coimbrã ou Carvalhã.

Decididamente a eschola Coimbrã já conta uma respeitável confraria que promette desbancar os devotos da litteratura fossil. Debalde se dirá que o idealismo arrojado tal como o expriue a nova seita, é uma sublimidade que no bestunto do vulgo ignaro tem o grande inconveniente de peccar contra o senso commun quer no fundo quer na forma. O autor da Aguiia no ovo perde litteralmente o seu tempo. A obra de caridade que pretendeu fazer, provoca o riso, e nada mais. A contumacia é um dos predicados d'esses jovens apostolos da litteratura liberrima que faz prodigios no Brasil como tem feito em Portugal. Ainda sob esta relação os dous paizes são irmãos gêmeos que em doce amplexo vão marchando para o apogeo da regeneração.

Como uma das estrelas mais rutilantes da constelação brasilica, Pernambuco não podia ficar eclipsado pelo carrancismo da velha eschola.

Si Coimbra teve a dita inapreciavel de alimentar em seu seio os vultos magestosos dos Bragas, Ro-

sendos e Quentaes, o Brazil em geral e a nossa bemaventurada província em particular usanam-se de ser o berço glorioso de um numero infinitamente maior de esperancosos athletas, que ao menos primam pela maioria, e pelos progressos incessantes e prematuros que vão fazendo a bem da causa comum.

Pede-se na escuridão dos tempos o nome do venerando chefe da nossa escola idealista. Foi um desmazelo imperdoável, que nos deve cobrir de vergonha, ao vermos a felicidade com que o autor da *Aguia no ovo* foi desencavar os tesouros inéditos do seu inimitável Rozendo, chefe da escola Coimbrã.

Mas consolemo-nos. Si nos falham os dados archeologicos, ou paciencia para mais profunda investigação, tomeinos uma época menos remota, e n'ella encontraremos, não talvez o chefe primitivo da escola entre nós, mas ao menos o sub-chefe. O certo é que O' Pestana foi o ente predestinado para, n'uma epocha bem proxima, assinalar n'esta província um dos triumphos mais notaveis para as letras patrias. Depois apareceu o Carvalho.

Mas bastava um só d'esses romeiros para operar uma completa revolução, espancando o *carrancismo*.

Após elles tem surgido como por encanto uma miriada de sectarios.—que é um louvar a Deus.

A oitava pagina do *Díario de Pernambuco*, comparada por um chistoso á arca de Noé, por conter animaes de toda especie, tem sido o receptáculo constante de quanta producção pôde glorificar os novos apostolos, não menos que esta terra abençoada que os tem visto florescer.

Na intumescencia da dicção, no atrevimento das imagens, e na originalidade das comparações, não ha nada que exceda a nova escola, que denominaremos indistinctamente *Carvalhã ou Coimbrã*.

Escusado é dizer que os taes apostolos não vão buscar inspirações nos outeiros, nem nas florestas virgens, nem nas scenas variadissimas d'esta natureza privilegiada, nem tão pouco nas lendas e recordações historicas, que offerecem grosso cabedal ás imaginações felizes. Os Carvalhões gostam de brincar com as musas nos planos accessíveis. Provavelmente é a modestia que lhes não permite ensaiar vôos mais altos. Cada um d'elles tem a sua *Ella*, e entretem-se com ella, variando o thema com o assumpto eterno das Adelaides e Eugenias.

Neste momento não podemos ter á vista as producções maravilhosas de O' Pestana, que hoje são reliquias muito raras. Parecia necessário dar á luz uma segunda edição. Infelizmente porém, entre tantos espíritos amantes do bello, e tão arrojados como aquelle poeta e prosador insigne, não houve ainda algum que se lembrasse de reproduzir as concepções d'aquelle genio transcidente, do qual a nossa memoria infiel só nos legou a seguinte sentença :

« A mulher é o colloquio do abysmo. »

Graças, porém, á Divina Providencia, podemos salvar algumas producções de Carvalho. Muito tempo robaríamos a nós e ao leitor si quizessemos dar a lume todos os fructos preciosos d'aquelle ingenho fecundo. Contentamo-os com alguns excertos, entresachados com outros da oitava pagina, para provar sómente que a escola Carvalhã encontrou seguidores muitos fieis.

Não era só poeta, mas abalisado prosador, o Carvalho. Uma vez descreveu com as cores mais vivas o cholera-morbus que elle, « buscando a verdadeira etymologia, » qualificou de *raiva do demônio*, cujas chamas abrazadoras são para destruir o gênero humano. Mas nem por isso espantou-se

o celebre Carvalho, cujo animo era tão robusto como a sua imaginação fertilissima. « Jogou elle com as artimanhas das fúrias infernaes do cholera, e conseguiu fatiga-lo. »

O heróe da nova escola não era somenos no estilo necrologico. Descrevendo o enterro de um amigo, phantasiou os assistentes « derramando lagrimas de saudades, e a probeza em soluços com excessivas demonstrações de resentimentos! » Ora o finado merecia isto mesmo, por ser um verdadeiro aborto, « dotado de instrucção profunda no berço da mocidade. »

E Carvalho não se limitou a recordar a lembrança do bom amigo, orvalha com uma lagrima de saudade a—campa do seu jazigo—, fazendo votos para que sobre ella se plantasse um cipreste.

O biographo ainda foi mais longe. Fez versos. Nem ha tempo, nem espaço, nem paciencia para transcreverlos.

Basta um specimen d'esse curioso improviso, nada menos que um soneto com uns novos quartetos, e sem um só terceto :

“ Oh Deus ! oh ! mundo prazenteiro !
“ Hontem alegre teu corpo cheio de vida e bondade.

“ Hoje teu corpo jaz na sepultura !
“ Porém tua alma pura não morreu !
“ No céo está ? ! Será lá a tua eternidade !

Não rião-se os leitores, que não tem de que. E si querem affrontar o poeta, apontando, além do mais, defeitos da metrificação, sonhos bem capazes de empazina-los com as innumeráveis belezas d'esta ordem que offerecem os Carvalhões da oitava pagina.

Ah ! já recuam diante da ameaça ? Pois então contentem-se (que já não é pouco) em apreciar o sentimentalismo de Carvalho, que dá tão boa copia de si nos seguintes versos de despedida a um amigo :

“ Adeos, Peregrino, adeos,
“ Deixas saudoso o teu cantor,
“ Acompanha ao meu affecto
“ As saudades do teu amor.

“ Monteiro delicioso onde tu brilhas,
“ Porque teu amor lá correspondia :
“ Vaes deixar tudo sombrio,
“ Tua ausencia é a melancolia,

“ Os teus olhos desenharam-te,
“ Lindos, travessos, não sei o que tem ;
“ Attrahem de bem longe
“ E matam a quem te quer bem.

“ Tam meigos e volvidos,
“ E tocados d'amor ;
“ Feitiços das musas,
“ Quem sabe ! a saudade e a dor ! ”

Pelo que parece o poeta estava enamorado do amigo, como as nymphas do Monteiro. Deixa-lo.

Admiremos agora a graça e atticismo de Carvalho no gênero satyrico e chulo ao mesmo tempo.

Era um dia : douz rivaes, um velho e um moço, entraram em competencia n'un leilão. O segundo escorregou e caiu : e

“ O tal velho baboso que viu
“ Deu-lhe logo a sua mão
“ Por ter d'elle compaixão,
“ E doido de afflição
“ De ver o moço querido
“ Emfaixado, embonecado :

- Desatou-lhe o espartilho,
- Achou-lhe as boiccas fôfias
- « Perguntou-lhe :—Será assim
- « Que se vae a um rico leilão ?

Pois acham isto insulto? Ao menos é um trabalho inédito, cujo autor teve a rara modestia de exhibir-se em público uma vez sómente. Mas afoitos do que elle são outros correligionários que têm enriquecido a oitava pagina.

E para não suppôr-se que estamos a brincar, ahí vão uns versinhos engraçados e mimosos que sahiram em letra redonda, sob a epigraphe LITTERATURA:

« Papagaio, qual gallinha,
« Sentado no seu poleiro ;
« Vae o mancebo estribeiro
« Dar dentada em Sinhazinha.

« Cupido porém matreiro,
« Começou a marcar passo :
« Olá d'asno seu pedaço ;
« Gritou o Deus galhofeiro
« Você é tolo ou pateta ? »

Mais pateta é quem tem a bondade extrema de receber estes enxertos, e qualitá-los de *litteratura*, proferindo assim uma blasphêmia horripilante.

Antes de passarmos além, forçoso é dizermos um derradeiro adeus ao Carvaiho, e pagarmos ainda um tributo da nossa eterna gratidão, encaixando aqui dois pedaços de um soneto com que elle pranteou a morte de um patriota celebre. O soneto é dos taes que não têm terceto.

Já estamos ouvindo os maldizentes praguejarem porque os massamos com versos de pé quebrado e de legua e meia, que peccam até contra as regras da grammatica. — *me queixa*. — Para desconto de

da grammatica.
Em parte ha razão na queixa. Para desconto de peccados, basta a mania poetica e tão constante dos fornecedores da oitava pagina e de outras mais. Quem tem a vista um grande bazar como aquele abarrotado de mercadorias modernas, não vae buscar antigualhas nos armarinhos. Afreguezema-nos portanto com a oitava pagina.

Certo poeta dos mais qualificados, querendo endosar uma artista dramatica, figurou-a como um anjo que o arrebatava por ahí além, elevando-o *no infinito*. Parece que o poeta a principio não se arrepellou com a graça. Agarrado ao anjo frenetico, foi vendo o *abyssmo em treva*, e o *abyssmo em luz*, scilicet o firmamento e a terra. Até então não havia outro perigo além das tontices, e—o que é peior —de alguma asphixia nas altas regiões.

Mas o anjo tinha labia: promettia ao poeta captivo *harpas inspiradas*, o *canto das espheras* umas viagens nos mares das paixões, e outras mais longas ainda nos dedalos profundos, onde reservem sóes e céos e mundos, tudo misturado nas profundidades do infinito.

Era essa uma promessa capaz de endoudecer mesmo a quem não fosse muito curioso. O poeta

acreditou n'ella : mas segundo elle proprio certifica, apenas sentiu a briza morna, e viu o arvoredo e a limpha.

Talvez por se achar ainda tonto, o poeta caiu aqui n'uma especie de contradicção porque além de outros gozos, nos falla da *volupia*.

E foi depois da volupia que o archanjo encapacetou-se, e já sem azas, rolou com o pobre homem para os *barathros escuros*. Assombrou-se o misero; e nem era o caso para menos. Mas o archanjo creou azas de novo e foi arrastando o seu doce fardo através das estrelas.

Tinha sido porém um tanto extravagante o modo por que se vira o poeta

"Mergulhado das paixões nas vagas cerulas.,,
Com o ser arquejante, louco e deslumbrado,
supplicou para se ver livre das constellações e
céos azues.

ceos azues.
Os versos que aqui vamos engastar n'esta mui
tosca apreciacão mostram que não inventamos de
nossa cabeça uma historia no gosto das *Mil e*
uma noites.

"E fui...e fui...ergui-me no infinito ;
"Lá onde o vôo d'aguia não se eleva.,,
"Abaixo era a terra—abyssmo em terra,
"Acima o firmamento—abyssmo em luz.

“ Onde me levas mais, anjo divino ?
“ —Vem ouvir sobre as harpas inspiradas,
“ O canto das espheras namoradas,
“ Quando eu encho de amor o azul do céo.
“ Quero levar-te das paixões nos mares,
“ Quero levar-te a dedalos profundos,
“ Onde reservem sóes e céos e mundos,
“ Mais sóes e mais mundos...e onde tudo é meu.

“ Nem bebo a taça de fogoso mar,
“ Sinto que rolo em barathros escuros
“ Já não tens azas.

“ Não mais, oh serafim, suspende as azas
“ Que atravez das estrellas arrastada
“ Meu ser arqueja louco, deslumbrado
“ Sobre as consellações e os céos azúes ”—

A respeito de outra artista dizia um das taes poetas :

“ Soberana que tens o mundo inteiro
“ . . . e quando altiva te levantas
“ Curvam-se todos p'ra beijar-te as plantas.

“ Quando o corpo banhaste em sacro-santo lago,
“ Lagrimas em que Duval lavou-te as plantas.”

Mas deixemos o poeta a beijar no fim de cada verso os pés daquella soberana do mundo inteiro ; deixemos os zoilos levando a sua complacencia ao ponto de prestarem a mesma adoração ; e até por uma especie de pudor deixemos a Deusa a tomar no largo sacro-santo o seu banho delicioso, que não dispensa o pediluvio do boin Duval. Vamos vér como outros poetas de igual força encaram o merecimento da artista :

“ O genio é a graça real
“ Si roça no lodaçal
“ Das negras azas a ponta.

“ O ninho d’aguia é no céo :
“ O sol o palacio seu,
“ O firmamento seu leito.”

Até agora o genio era frequentemente representado por um passaro de azas brancas. Mas os Coimbrões tiveram a grande habilidade de enegrecer as azas do passaro atirando-o no lodacal.

O que vale é que depois da operação, o passaro ainda conserva a *graçareal*, si apenas roça a aza no paul.

Não fallemos na exquisitice de ser o leito e o ninho da ave maiores que o palacio em que ella habita, vindo a ter assim duas residencias; porque não ha de deixar os ovos ao relento na quadra do chôco, para ir dormir nos colchões fôfos e macios do palacio, que não é lá nenhum po-leiro.

Já comparada ao genio por um poeta, a mesma artista se trans'orou em astro fulgente, pela va-rinha de condão de outro poeta de igual merito.

" Abre as mãos, astro fulgente
" Recebe a palma virente,
" Que na gloria cedro ingente
" Decepou de Deus a mão.

" Porém o genio illumina,
" Não a relva da campina,
" Nem beija a flor peregrina
" Nem dos céos o puro azul;
" Mas verte os seus raios d'ouro
" Sobre o pomo secco e góro,
" Onde só zumbi o bezouro,
" Dos zoilos sobre o paul.

" Ha de toldar-se-lhe a chamma,
" Que o raio que cár na lama,
" Regela, mas não inflamma;
" No lodo empanoso a luz;
" Nem mais recebe ovações,
" Nem aroma, nem canções,
" Só respiram podridões,
" Essas flores dos paúes."

Ha maito que vêr em toda esta salsa, que por sublime escapa á q talquer comprehensão vulgar.

A' primeira vista, e guardada a ordem grammatical, parece que o cedro ingente da gloria decepou a mão de Deus. Mas vinha a ser absurdo do mais grosso calibre, até mesmo porque o cedro não tem guine, e só podia esmagar, mas não decepar a mão de Deus. Em todo caso, era impraticavel o delicto.

Deve-se portanto conjecturar que o facto se passou pela maneira seguinte:—O astro abriu as mãos e recolheu a palma virente que a mão de Deus decepou do cedro ingente da gloria.

Parece que acertamos; mas depois de uma tão grande contensão de espirito que quasi nos privou das forças para metter o dente nos outros versos, tão sublimes, porém ainda mais incomprehensíveis que os primeiros. Facamos todavia um supremo esforço para adivinhal-os.

Si o genio não illumina a relva da campina, nem beija a flor peregrina, nem o puro azul dos céos, e prefere verter os rios d'ouro sobre o pomo sécco e góro, onde está mettido a zumbir o bezouro, que outro não é senão um dos zoilos do paul... então, neste caso, tolda-se a chamma do sobredito genio, porque o raio em cahindo sobre a lama, regela, mas não inflamma; é convertido em flor do paul ou do lodo empanoso, e essa flor só respira podridões.

Estamos hoje com veia para decifrar charadas, mas é a ultima vez que em taes funduras nos metemos. Por agora solicitamos ainda a attenção do publico para o encomio primoroso que outro poeta da mesma escola dirigiu a uma das artistas, chrismada, mais de uma vez, por archanjo do senhor.

" Não sentes o rogar da mão segura.
" Sobre as fimbrias gentis dos brilhos teus?
" E o genio que vela, vem cansado

" Do buscar-te ancioso d'este mundo,
" Voou, desceu té da terra o fundo,
" Vem roubarte depressa para os céus.

Até aqui o poeta inventou o genio, que fatigado de caçar o artista no mundo metteu-se pela terra dentro até ao fundo (naturalmente foi dar busca nos *barathros infernae*), e depois voltando roçou por um acaso feliz, nas *fimbrias dos brilhos* da mulher, e levou-a de carreira para o céu antes que ella fizesse alguma travessura ou se alapardasse de novo.

Este máu costume de se esconder a sonsa, deu motivos para o poeta scismar, e dirigir-lhe um conselho de prudencia:

" Que não manches a veste divinal
" No lodo do porvir no pedestal
" Que o mundo recamou de pedras finas.

Bem feito! Se vai n'isto uma suspeita pouco lisongeira, a nimpha teve culpa d'isto. Não é muito que quem andou escondida de manhosa, fazendo o outro jogar a cabra-cega, se atole no lodo do porvir, empogado junto á base do pedestal de pedras finas.

Entretanto, si houve motivos para arrufos, o poeta fez logo as pazes com a sua predilecta:

" Deus te espera no céu com beijo ardente
" Todo fogo o olhar sangrando o genio
" Te espera a fulgurar sobre o proscenio
" Dos numes anjos que fulguram la
" Ergue-te no espaço, arroja-te no infinito.

Este arrojo poeticó e blasphemó que figura, Deus com o olhar todo de fogo, a dar beijos ardentes n'uma mulher, e a sangrar o genio, é cousa que não pôde tolher aos apostolos da nova escola,—os defensores mais extremosos da liberdade litteraria. Nem admira o beijo, quando Cornelle, com ser marmanjo, o recebeu tambem por sua vez, segundo nos assegura o poeta sob a fé de sua honra a pa'avra.

A ditosa artista ficou muito orgulhosa com o penhor que recebeu do amor de Deus:

" Então rasgado as nuvens fulgurantes,
" Qual meteôro de luz aurifulgente,
" O mundo s'HUMILHOU
" . . . :
" Eu sou a filha que o Senhor beijou."

Ainda por felicidade nossa, a filha do Senhor, apesar de escripturada no proscenio dos numes obteve licença de vir para o infinito.

Esses poetas Carvalhões são homens de recursos variadissimos: passam do sublime para o ridiculo com uma facilidade espantosa. Um d'elles desesperado por um amor infeliz, escreveu uma versalhada toda grave e cheia de lamentações, rematando, porém a obra com uma tirada grotesca, para provocar hilaridade:

" E' madrugada o orvalho cai no lyrio,
" Sopra o vento nas palmas do coqueiro,
" Vou p'ra rede, massei-me, apaga o cyrio.

Sahir-se o mancebo assim bruscamente de uma attitude melancolica e romantica para embiocar-se massado e pregnigoso n'uma rede, seria transição bem prosaica, senão fosse originalidade Carvalhã.

Não é menos original o bom gosto de outro poeta campanudo,—d'esses que estão sempre a ver *abyssos e precipios vorases*. Tratava-se de nada menos que de um tal Pelindro, que amando a senhora Marilia, lutava com a sorte infausta.

Pelindro é um nome poeticó como qualquer outro

e delicado como um alfinim. Não se sabe ao certo se é phantastico esse nome, ou senão passa de uma corrupção de *pelintra*. Mas seja lá o que for, o que não tem dúvida é que a desventurada criatura cantava assim :

“ E’ o meu peito um vulcão,
Meus olhos uma cratera,
Meus cabellos negro fumo
Do fogo que me lacera ;
Mas minha mão é de gelo
Que la nos polos impera.”

Não torçam o nariz com este aspecto diabolico de quem tem olhos de cratera, e cabeça de charminé, que vomita fumo por cada raiz dos cabellos. As velhas supersticiosas haviam de rezar o credo em cruz se vissem um monstro semelhante digno de ser exorcizado, por estar com o diabo no couro. Mas nós fallamos para os espíritos fortes, que só podem pasmar vendo o fogo, em vez de reduzir o homem a torresmo, *lacerá-lo*, deixando-lhe ainda uma mão gelada.

Mas para que se fazem *Ignez d'Orta*? O *lacera* foi aproveitado pela unica razão de rimar com *impera*.

Não faremos ponto final sem noticiarmos um phenomeno. Tambem ha Carvalhães no sexo amavel. A nova eschola, especie de propaganda jesuitica, tem seduzido e matriculado algumas senhoras poetizas ou simples admiradoras.

LA VAE A PROVA.

“ Para sempre eu te abraço.
“ De dôr o peito estala,
“ Ao sol, a lua, aos astros
“ Com amor de mui falla.

“ Nem o tempo nem idade
“ Quebrarão nossos grilhões,
“ Quin-quina, jurei amarte
“ Nisto ficam nossos brasões.

Outra joven, ao separar-se de sua amiga, versou assim :

“ Quando as estrellas brilharem
“ Entre ellas no firmamento,
“ O cruzeiro do sul luzente
“ Lá está a amiga auzente.”

O exemplo é contagioso. A propaganda estende-se por toda parte, affrontando os zoilos, e não seremos nós que havemos de pôr um grão de areia na roda do progresso.

Os leitores sabem muito bem que os Carvalhães ou Coimbrães daqui firam principalmente o seu imperio no theatro de Santa Isabel, onde se lhes accende o estro. Com que entono e segurança recitam! Tudo concorre para distingui-los: porte, voz, esgares, e... engenho.

A platéa por seu turno confém sempre uma pleia de luzida de devotos entusiastas que applaudem ardente, phreneticamente os Coimbrães, e até ás vezes *dão capo*. Aquella exclamação—*bonito!*—que se ouve no fim de alguma estrophe entanecida, encapellada, ramalhuda ou atrevidamente... poetica, fornece um testemunho do bom senso dos espectadores, e enche de emoções dulcissimas o peito daquelle que tanto se comprazem de ver animados os triumphos litterarios.

Desenganem-se os fosseis. A epocha é dos novatos, dos Coimbrães de toda especie (e tambem os ha em politica.) Parece até que alguns homens serios vão

sendo affectados da epidemia reinante. E no fim de tudo admiram que certos impostores façam fortuna em politica!

Ha pouco tempo que um jornal serio publicou como excerptos, ou pedacos bonitos os seguintes trechos dos *trabalhadores do mar* de Victor Hugo.

“ *Garrulices e effuvios.*—O corpo humano é talvez uma simples apparencia, condensando-se sobre a nossa luz ou sobre a nossa sombra. A bem dizer o resto é uma mascara. O verdadeiro homem é o que está debaixo do homem. Tal creaturinha, por exemplo, se podessemos vê-la como realmente é, em vez de moça, mostrar-se-hia passaro.

“ Passaro em forma de moça, que ha ahi de mais delicado? Dá vontade de dizer: Bom dia, made-moiselle arveloa. Não se lhe vêem as azas, mais ouve-se-lhe o gorgorio. Canta ás vezes. Na tagarelice está acima delle. Uma virgem é o involucro de um anjo. Feita a mulher, desapparece o anjo; volta porém, trazendo uma alma de creança á māi. Esperando a vida, aquella que ha de ser māi algum dia, conserva-se muito tempo creança, a menina persiste na moça; é uma calhandra. A gente agradece-lhe mentalmente o favor de não bater as azas para ir-se embora.

“ A meiga e familiar creature accommoda-se em casa, de ramo em ramo; entra, sae, acerca-se, afasta-se, alisa as penas ou pentea os cabellos. Quando ella interroga, responde-se-lhe; interrogada, gorgoeia. Tagarella-se com ella. A tagarelice serve para descansar de fallar. Ha uma porção celeste nessa menina. E um pensamento azul misturado ao teu pensamento negro. Agradece-se-lhe a bondade de não ser invisivel, ella que poderia, creio eu, ser impalpavel. Na terra o que é lindo é necessário. Ha mui poucas funcções tão importantes como a de ser amavel. Exhalar alegrias, irradiar venturas, possuir no meio das cousas sombrias uma transudação de luz, ser o doirado do destino, a harmonia, a gentileza, a graça, é favorecer-te. A beleza basta ser bella para deleitar. Ha creature que tem consigo a magia de fascinar tudo quanto a rodeia; é a aurora em figura humana; não faz nada, nada, que não seja estar presente, e é quanto basta para edenizar o lar domestico; de todos os poros sae-lhe o paraíso; é um extase que ella distribue aos outros. E divino.

“ A scisma, que o pensamento no estado nebuloso, confina com o sonno, e preocupa-se a respeito delle como na sua propria fronteira. O ar habita por transparencias vivas, seria o começo do Desconhecido; ali abre-se a vasta porta do possivel, que tambem chamamos o inverosimil. O mundo nocturno é um mundo. A noite é um universo. O organismo material humano, sobre o qual pesa uma columna atmospherica de quinze pés de altura, chega á noite fatigado; fecham-se os olhos da carne; abrem-se os outros olhos, apparece o Desconhecido. As cousas sombrias do mundo ignorado tornam-se vizinhas do homem, ou porque haja verdadeira comunicação, ou porque as distancias do abysmo tenham crescimento visionario, parece que as creaturas invisiveis do espaço vêem contemplar-nos curiosas a respeito da creature da terra; uma criação phantastica sobe ou desce para nós no meio de um crepusculo; ante a nossa contemplação spectral, uma vida que não é a nossa, agrega-se e dissolve-se, composta de nós mesmos, e de um elemento estranho; e aquelle que dorme entre as animalidades estranhas, as vegetações extraordinarias, as cores lividas, terríveis ou risonhas, as larvas, as mascaras, os rostos, as hydras, as confusões, os luares sem lua, as obscuras des-

composições do prodigo, o crescer e descrescer no meio da espessura turvada, a fluctuação de formas nas trevas. O sonho é o aquarium da noite.

Deus nos livre de analysar todas estas preciosidades. Os Coimbrões eram bem capazes de nos querer vivos.

Além de que, ha bellezas que não se demostram, mostram-se.

O nosso sim (e este parece que conseguimos) era dar uma ligeira idéa dos avanços maravilhosos que em Pernambuco tem feito a escola Coimbrã, ou Carvalhã (se a quizermos provincializar.)

G. F. J.

(Do Correio do Recife.)

SEMANARIO.

Sob a rubrica — Ceará — transcrevemos uma pastoral do venerando prelado desta diocese, incitando os cearenses de um modo eloquente a desaggravar a honra da nação, vilipendiada pelo tyranno do Paraguay.

Já não é o digno administrador da província, que appella para o patriotismo dos cearenses; é o pastor deste bom povo, que falla em nome de Deus e da patria.

Nada mais podemos adiantar ao que mui bem disse a Constituição de 11 do corrente ácerca dessa sublime pastoral; e é o seguinte:

«*Pastoral patriótica.*—Chamamos á atenção de nossos leitores para a pastoral, que hoje da *Tribuna Catholica* transcrevemos em lugar competente; pastoral, com a qual o Exm. Sr. D. Luiz Antonio dos Santos, nosso venerável prelado, dirige á todo seu rebanho os mais salutares conselhos ácerca do dever que temos todos de auxiliar ao governo na guerra actual com o Paraguay, afim de ser desaffrontada a dignidade nacional e de triunfar a causa da civilização.

Congratulamo-nos com S. Exc. Rvdm.^a pela feliz inspiração de sua Pastoral, tanto por sua oportunidade, como pelas idéas luminosas, que nella abundam.

A identificação que faz S. Exc. entre a religião e a patria, para concuir que Deus quer que com o sacrifício de nosso sangue e de nossa vida coadjuvemos nossa mãe patria no empenho, em que se acha, é de um efeito admirável.

E a voz autorizada de nosso prelado, que em nome de Deus e da patria procura arrancar do indiferentismo os paes de famílias, que ainda não cumpriram o patriótico dever de se alistarem e seus filhos na heroica cruzada de debellar o inimigo, apressando a victoria, e compartindo os louros e as glórias dos bravos, que os tiverem precedido na pugna.

Não é só isso; S. Exc. Rvdm.^a conhecendo perfeitamente a influencia que a mulher exerce em todos os negócios, cujo bom exito depende de uma propaganda, ou geral aceitação da idéa, que se pretende fazer vigorar, e ao mesmo tempo reconhecendo a importância que nos negócios de cada casal devem ter as mães de família, á elles se dirige igualmente falando-lhes ao coração, e despertando-lhes o interesse que elles têm em promover a elevação da glória de seus filhos, atim de que sejam as primeiras á animar-los á correr em defesa da causa nacional, defesa em que conquistarão para si muitas horas e para seu pais o título de benemeritos da patria.

Fazemos votos para que a patriótica pastoral de S. Exc. Rvdm.^a seja coroada dos bons fructos, que é de esperar de sua autorizada palavra, e do patri-

tismo nunca desmentido do povo cearense, á quem tão paternalmente se dirige seu prestigioso e benemerito Pastor.

Mais um campeão acaba de surgir na arena jornalistica.

Tendo por titulo—*O Progressista*—o jornal, cujo primeiro numero foi distribuido no dia 13 do corrente, mostra que é redigido por habeis pennas.

É sectorio da politica dominante, e promette sustentá-la até onde permittirem suas forças.

Saudamos ao collega, desejado-lhe longa vida, sem que o acompanhemos nas suas idéas, mas somente por ver esta província, que amamos devoradas, tão adiantada no caminho da civilização.

Encerrou-se no dia 13 do corrente a assembléa legislativa provincial, convocada extraordinariamente. Foram votadas as leis, de que mais necessitava a província, graças ao patriotismo dessa ilustrada corporação, que compenetrandose dos seus deveres, esqueceu pequenas desavenças para curar dos interesses da mesma província; correspondendo assim a confiança dos seus committentes.

Lê-se no *Progressista*:

Museu e Biblioteca :—No intuito de proporcionar a esta província mais uma fonte de estudos e conhecimento d'aqueilo que nos diz respeito, consta-nos que S. Exc. o Sr. Dr. Alvim trata de effectuar a fundação de um museu e biblioteca, no edifício outrora destinado á escola normal.

Continuando assim, como é nossa crença firme, S. Exc. o digno Sr. Dr. Alvim ha de conquistar pelo seu zelo e incansavel actividade, o nome de benemerito, pois é incontestavel o interesse e vantagens que de semelhantes instituições resultarão para o Ceará, ate hoje tão desprezado em assumpto d'esta ordem.

Acompanhamos o collega no juizo que forma do Exm. Sr. Dr. Alvim.

Lê-se no mesmo jornal:

Farol :—Outro melhoramento de que muito carecemos, e cuja urgencia já foi tambem sentida pelo digno e zeloso Sr. presidente da província, é o estabelecimento de um farol, pelo sistema lenticular de Fresnel.

S. Exc. encarregou nosso talentoso comprovincial, Dr. Zozimo Burroso, de fazer os estudos necessarios, e este engenheiro já prestou um excellente relatorio, que muito se recomenda pela precisão e lucidez com que tratou do assumpto.

Foi designada a 3.^a domingo do mes de fevereiro proximo vindouro, para ter lugar eleição de eletores para senadores; e bem assim o dia 19 de março para a reunião dos collegios eleitoraes em toda província, e organisação da lista sextupla.

O reverendo Hippolito Gomes Brasil pediu e obteve exoneração do lugar de director geral da instrução publica, sendo nomeado para substituir-o o Sr. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe.

O Sr. Gomes Brasil prestou mui bons serviços á instrução publica; e a sua honestidade e zelo no cumprimento dos deveres inherentes áquelle cargo, mereceram sempre menção honrosa tanto dos presidentes com quem dignamente serviu, como dos seus subordinados.

—Chegou dos portos do norte no dia 16 do corrente o vapor *Guará*, que seguiu para a corte no mesmo dia ás 3 horas da tarde.